

Boa noite a todos,

Meu nome é Katherine Funke, sou repórter do jornal A Tarde em Salvador, e me formei em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em 2002, aqui no Ielusc. No ano passado, venci o 3º. Concurso Tim Lopes de Investigação Jornalística, na categoria mídia impressa ([www.atarde.com.br/especiais/timlopes](http://www.atarde.com.br/especiais/timlopes)).

Nesses quatro anos de exercício da profissão, a cada dia acredito mais que fiz a opção certa. Por isso, digo com toda a convicção: parabéns a vocês que optaram pelo jornalismo.

Vocês escolheram, simplesmente, **a melhor profissão do mundo**. E quem diz isso não sou eu, e sim um dos colegas mais exemplares de todos os tempos: Gabriel Garcia Márquez, um colombiano que também escreveu livros de ficção. Sua obra mais famosa é *Cem anos de solidão*; uma leitura deliciosa de realismo fantástico. Recentemente, cinco livros com toda a sua obra jornalística foram lançados. Nesses textos, Márquez demonstra com qualidade incrível o potencial do jornalismo para a compreensão do mundo.

Vocês também merecem **parabéns por terem escolhido esta instituição** para estudar. Foi uma opção que com certeza vai marcar as suas vidas. Aqui existem pessoas verdadeiramente preocupadas em formar profissionais completos, sabedores das práticas inerentes ao jornalismo, das técnicas e das estratégias – mas sobretudo seres humanos éticos, analíticos, capazes de discernir, autônomos, autênticos.

Estar na faculdade também é uma oportunidade para **exercitar a cidadania**. Há pelo menos duas maneiras de fazer isso: dentro e fora da instituição.

Aqui dentro, vocês podem se reunir no **diretório acadêmico**, bolando projetos que melhorem a vida de todos os colegas. Na minha época, fiz junto com o pessoal do diretório algumas coisas bem legais, como organizar encontros para discutir a profissão de jornalista e de publicitário com profissionais e pesquisadores nacionalmente reconhecidos.

Mas vocês podem fazer mais, como estudantes cidadãos. Fora da instituição, podem fazer uma série de coisas que melhorariam a vida de outras pessoas. Lembrem que todos temos um compromisso com o resto do mundo, e com nós mesmos.

Enfim, o futuro pertence a vocês.

Como canta a Rita Lee, **hoje é o primeiro dia do resto das suas vidas**.

E nesse primeiro dia, vocês já vão começar praticando.  
Isso mesmo.

Nós que estamos aqui na frente não viemos dizer verdades prontas. Não queremos ficar falando sem saber o que vocês querem ouvir.

Por isso, vocês vão nos entrevistar.

E como tem muita gente na platéia, vai ser uma entrevista coletiva.

Vocês já devem ter visto por aí o que é **uma entrevista coletiva**. É quando um grupo de jornalistas faz perguntas a uma ou mais pessoas, geralmente autoridades políticas, religiosas ou científicas.

Nós não somos autoridades em nada, é verdade. Apenas queremos que vocês tenham uma experiência prática nessa entrada no jornalismo, neste primeiro dia do resto das suas vidas.

Então vocês já podem ir preparando suas perguntas, que começarão a ser feitas depois das falas iniciais de cada um.

Vou dar **algumas dicas** sobre como fazer uma boa entrevista coletiva.

Para começar, é importante **que cada um se identifique** quando for fazer uma pergunta. É legal dizer seu nome completo antes de questionar. Como boa parte de vocês já estão cursando jornalismo aqui, é legal também dizer se são calouros ou em qual semestre estão.

Outra coisa bastante simples e relevante é fazer perguntas objetivas, sem introduções, ou rodeios. **Vá direto ao ponto**.

A entrevista coletiva **não é** o momento para se obter uma informação **em off**. Logicamente, tampouco **um furo exclusivo**.

Por outro lado, ela pode ser muito produtiva se o conjunto dos jornalistas que estiverem reunidos conseguir agir de forma harmônica.

Quer dizer, **se o conjunto souber emendar perguntas sucessivas** de forma a aprofundar e esclarecer informações obscuras, colocando o entrevistado realmente **numa enorme saia justa** da qual será muito difícil sair em público, aí uma coletiva terá valido a pena.

Por isso, o ideal é tentar **agir em bando**.

As coletivas geralmente são convocadas por autoridades em **situações-chave**, quando eles **não querem ser importunados** por perguntas muito densas, profundas ou complexas. É um momento de **prestação de contas**, às vezes até burocrático, ou de esclarecimento de uma crise. Outras vezes, funciona como **jogo de auto-promoção**, diante das câmeras e microfones de toda a mídia.

Então, nós, repórteres, não podemos cair no jogo da fonte, que tem poder para dominar o formato e a temática do encontro, nesse tipo de entrevista.

Acontece que ainda é muito baixo o **nível de coragem** para enfrentar em conjunto uma **autoridade cínica que dá uma entrevista coletiva absurda**, ou então incentivar uma autoridade interessada em indicar **dados para uma reportagem investigativa posterior**, por exemplo.

O jornalista **Lúcio Flávio Pinto**, um repórter investigativo de primeira linha, lá do Pará – terra do professor Samuel Lima – certa vez passou por uma situação dessas. Numa

entrevista coletiva com um delegado, sobre a maior apreensão de cocaína da história paraense, nos anos 90, ele resolveu continuar na sala enquanto os colegas davam o encontro por encerrado.

Um concorrente percebeu e perguntou porque ele não estava indo embora, e então Lúcio Flávio explicou que queria informações mais detalhadas sobre o tráfico da cocaína. Todo mundo ouviu isso e resolveu ficar.

Acontece que o Lúcio Flávio estava querendo informações em *off*, que geralmente são passadas só para um repórter, de confiança do entrevistado, que sabe que jamais será publicado seu nome declarando aquelas coisas reveladas em segredo.

Então, a condição para que todos ficassem naquela coletiva era que todos usassem as informações, mas sem revelar a fonte. Sabe o que aconteceu? **Todo mundo levantou e saiu**, deixando o delegado e o repórter com cara de tacho. Quer dizer, **os filhinhos da pauta**, que foram apenas cobrir a coletiva, ficaram desinteressados pela parte mais importante do assunto. Foram covardes.

Bom, o programa **Roda Viva**, exibido pela TV Cultura, às segundas-feiras à noite, é um grande exemplo de entrevista coletiva de qualidade. O Roda Viva já tem 21 anos de existência. É bem legal observar como são feitas as perguntas, como os jornalistas tocam nos assuntos mais árduos e como os entrevistados tentam se livrar deles.

No Brasil, temos outro ponto relevante a tratar no que tange à entrevista coletiva.

**O relacionamento do presidente Lula com a imprensa** tem sido muito criticado por jornalistas que gostariam de ver prestações de contas mais freqüentes, com esclarecimentos de posicionamentos e objetivos – mas não em um discurso lido, preparado por assessores, e sim numa conversa com a imprensa, numa entrevista coletiva.

A razão é simples: num discurso, quem comanda é quem fala. Já numa entrevista coletiva, ele será colocado diante de questões inesperadas. Pode até não respondê-las, mas isso ocorrerá publicamente. **E o silêncio, ou o desvio de assunto, pode significar muita coisa.**

Claro que uma coletiva não resolve completamente o problema da transparência. A jornalista Cremilda Medina, num livro que trata especificamente sobre a entrevista (*Entrevista – o diálogo possível*), lembra que “A entrevista, evidentemente, se funda na mais duvidosa e mais rica das fontes, a palavra. Ela corre o risco permanente de dissimulação ou de fabulação”.

No primeiro mandato, Lula concedeu pouquíssimas entrevistas exclusivas – quase somente à TV Globo – e foram raríssimas as coletivas.

A primeira entrevista coletiva de Lula foi em **29 de abril de 2005**, quando já se completavam 28 meses de mandato. O presidente respondeu 14 perguntas em uma hora.

Bom, a qualidade das perguntas foi bastante questionada por observadores da imprensa, é verdade. Nossos colegas que cobrem o Palácio do Planalto, parece, não souberam tirar nada de novo do presidente, apenas requestrar informações velhas. Talvez eles estivessem nervosos demais, diante da oportunidade inédita.

Um pouco antes do início da campanha de reeleição, Lula divulgou sentir que seu relacionamento com a imprensa estava ruim. E começou a dar essas entrevistas, após um longo tempo de silêncio.

Por que será que ele fez isso, hein? **É lógico: época de reeleição, era preciso colocar a imprensa a seu favor.**

De fato, desde a campanha, Lula tem aceitado dar uma parada antes ou depois de um evento para passar uns cinco minutinhos respondendo perguntas que geralmente versam sobre o tema daquele evento específico. Assim, o cidadão que assiste a telejornais tem a impressão que ter acesso a ele é muito fácil.

Mas são conversas rápidas, durante eventos públicos, em que **é impossível esperar do presidente tempo ou oportunidade** para uma resposta mais analítica a uma pergunta que demande essa postura.

Há **impedimentos de ordem física**, porque juntar dez ou quinze repórteres ao redor de uma pessoa, com microfones, gravadores, câmeras, quer dizer uma certa bagunça e agitação. E se você não tiver nada disso na mão, só um bloquinho de anotações e uma caneta, pode ter certeza que vai ficar ainda mais impedido de chegar perto de fazer sua pergunta.

**Mas, calma, galera.** Aqui, nessa aula inaugural, vocês não vão enfrentar tantos obstáculos assim, porque nós não somos o presidente Lula nem estamos com pressa. Por enquanto, preparem suas perguntas. Espero ouvir a voz de muitos de vocês.

Daqui a pouco, a gente explica como é que vai funcionar o esquema dessa entrevista coletiva.

E agora, vou passar a palavra aos demais colegas, de novo dizendo: parabéns. **Vocês escolheram a melhor profissão do mundo.**

Obrigada.

Katherine Funke  
Email: [katherinefunke@gmail.com](mailto:katherinefunke@gmail.com)

“Se um homem não sabe  
a que porto se dirige,  
nenhum vento  
lhe será favorável”  
*Sêneca*